O AUSPICIOSO VERÃO DE 1914

A Europa entrou o Verão de 1914 numa agradável atmosfera de distensão internacional. Num consolidado cenário de *Belle Époque*, todos se preparavam para gozar as delícias de umas férias retemperadoras. No plano político – com o conhecimento de quem se sentava no governo da primeira potência mundial –, Winston Churchill antecipava mesmo um horizonte de fundada esperança para os tempos que se avizinhavam:

> A Primavera e o Verão de 1914 foram marcados, na Europa, por uma excepcional tranquilidade. Depois [da crise] de Agadir, a política da Alemanha para com a Grã-Bretanha tinha não só sido correcta como até atenciosa. [...] A longa desconfiança que se desenvolvera no *Foreign Office*, embora não tivesse desaparecido, tinha-se modificado sensivelmente. [...] As personalidades que davam expressão à política externa da Alemanha pareciam, pela primeira vez, ser homens com os quais podíamos conversar e com quem era possível uma acção concertada.[1]

Mas havia outras destacadas personalidades a pensarem de modo semelhante. Em Maio, numa carta para o embaixador britânico em Berlim, escrevia o subsecretário dos Negócios Estrangeiros:

> Verá, pelos documentos, que, presentemente, há muito poucas coisas de interesse a decorrer na Europa, e, se não fosse pelos problemas que se registam no México, estaríamos por cá numa completa tranquilidade.[2]

Em contrapartida, não faltavam preocupações de ordem interna um pouco por todo o Velho Continente. As tensões sociais que haveriam de levar ao fim dos regimes monárquicos na Rússia e na Alemanha já estavam latentes, desde há muito, naqueles países. No Império Austro-Húngaro, as convulsões sociais e étnicas eram permanentes e potencialmente desagregadoras. Os confrontos entre os republicanos irlandeses secessionistas e os unionistas do Ulster, por seu turno, constituíam uma dor de cabeça para a coroa britânica.

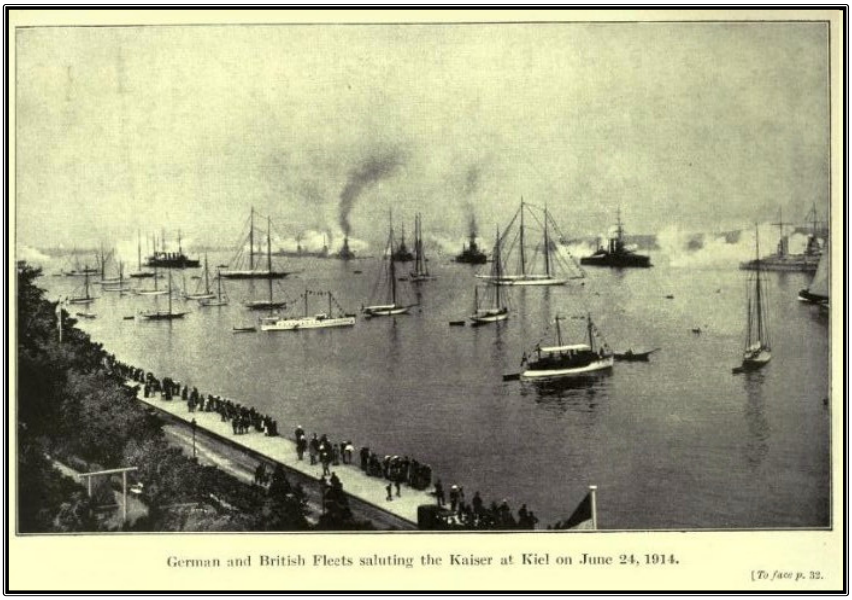
Em Junho de 1914, quis o destino que a corrida naval de perigosos contornos que, desde 1898, tanta desconfiança criara entre a Grã-Bretanha e a Alemanha fosse entremeada por um episódio que parecia não se enquadrar, de todo, nesse cenário de rivalidade e tensão política. A *Royal Navy*, a convite da Marinha Imperial alemã, participava com um esquadrão de navios de linha na Regata de Kiel, sob o comando do contra-almirante Sir George Warrender. Era um sinal claro de que as relações entre os dois países tinham experimentado um significativo progresso, pois tinham decorrido 19 anos desde a última vez que navios britânicos tinham participado na regata. Nessa ocasião, Guilherme II, envergando o uniforme de almirante britânico, tinha a oportunidade de passar revista a um dos *dreadnought*[3] ali presentes.

A visita das unidades navais britânicas foi um verdadeiro sucesso, tendo tudo decorrido num ambiente de grande satisfação, exceptuando, talvez, o facto de os britânicos terem sido derrotados nos jogos de futebol e noutros desportos, o que estava longe de corresponder à superioridade que julgavam usufruir nessa matéria. No plano social, a regata foi, também, um evento memorável, conforme recorda o comandante Georg von Hase:

> O baile que os oficiais da Base do Báltico ofereceram aos nossos hóspedes ingleses, em 26 de Junho, nos esplêndidos salões da Academia de Marinha, foi um acontecimento brilhante. Para as valsas das flores, houve uma chuva de flores, em arrebatada profusão, como raramente tinha visto. Foi uma pura batalha de flores. Dançámos, demoradamente, até romper a madrugada.[4]

---

[1] CHURCHILL, Winston, *The World Crisis, 1911-1918*, p. 87.
[2] JOLL, James, *The origins of the first world war*, p. 200.
[3] Navio de linha (couraçado) do modelo mais moderno. Os *dreadnought* tinham a novidade de serem propulsionados por turbinas a vapor.
[4] HASE, Georg von, *Kiel and Jutland*, p. 51, https://archive.org/stream/kieljutland00haseuoft/kieljutland00haseuoft_djvu.txt



As esquadras alemã e britânica saúdam o kaiser em Kiel em 24 de Junho de 1914

Guilherme II, com o uniforme de almirante britânico

Na tarde de 28 de Junho, encontrando-se Guilherme II a bordo do seu iate, participando na regata, avistou uma pequena lancha a vapor que navegava, a toda a velocidade, na sua direcção. Não querendo interromper a competição, mandou sinalizar à pequena embarcação para não se aproximar. A bordo desta, vinha o almirante Georg von Müller, o qual, perante as indicações vindas do iate, usou os gestos mais veementes no sentido de fazer perceber que tinha na sua posse uma mensagem muito urgente para entregar ao kaiser. Müller conseguiu, então, lançar para bordo do iate, dentro de uma caixa de cigarros, a mensagem que pretendia entregar. O kaiser, que tinha o almirante em pequena estima, por considerar que sempre lhe trazia más notícias, mais uma vez se haveria de lamentar desse fadário. Ao abrir a caixa e ao ler a mensagem que lhe dava conta do assassinato do arquiduque Francisco Fernando e da esposa, perpetrado poucas horas antes, em Sarajevo, Guilherme II empalideceu e logo deu ordens para o iate abandonar a regata, seguindo imediatamente para Berlim.

Estragado o evento, a frota britânica largou de Kiel, em 30 de Junho. No momento da partida, os navios da esquadra alemã presentes no porto compunham com as bandeiras de sinais a mensagem *Boa-Viagem*. De bordo dos navios britânicos, replicavam via TSF: *Amigos no passado, amigos para sempre*!

Como era de esperar, o atentado de Sarajevo ecoou em toda a imprensa mundial, com especial ênfase na europeia. A tonalidade dominante do que ia sendo publicado era de grande consternação e simpatia para com os príncipes assassinados e para com a monarquia austro-húngara.

No plano político, o que se seguiu ao atentado foi, durante pouco menos de um mês – até ao ultimato apresentado pela Áustria-Hungria à Sérvia –, praticamente imperceptível pelos Europeus. Basta consultar a imprensa diária da época para concluir que não houve, imediatamente, a noção de perigo de guerra, uma vez que as muitas movimentações então ocorridas tiveram lugar no ambiente restrito das chancelarias.

Quando, em 3 de Julho, o *The Times* dava o título de "Esforços para a paz" ao seu artigo de fundo, e dizia «O público da Inglaterra e da Escócia não faz ideia de quão perto do desastre se encontra a nação»[5], era à crise do Ulster que estava a referir-se e não ao conflito de dimensão mundial que já estava em gestação. Em França, era o início do julgamento de Madame Caillaux, esposa do ministro das Finanças e líder do Partido Radical, acusada do assassinato do editor de *Le Fígaro*, que concitava toda a atenção da imprensa, mesmo depois de iniciada a crise internacional.

O próprio kaiser Guilherme II partiu no seu iate, a 6 de Julho, para uma viagem aos fiordes noruegueses. De resto, a generalidade das figuras políticas e militares de topo alemãs estavam, por essa altura, ausentes de Berlim, gozando as férias do período estival. Moltke, por exemplo, encontrava-se desde Abril em Karlsbad, numa cura de águas, e só regressaria a Berlim em 26 de Julho.[6] Von Jagow, o ministro dos Negócios Estrangeiros, fora para a Suíça, em lua-de-mel, e só regressou à Alemanha em 6 de Julho.

Do mesmo modo, em França, a situação pareceu suficientemente tranquila para que uma visita oficial do presidente Raymond Poincaré e do primeiro-ministro René Viviani à Rússia, prevista havia tempos, se realizasse mesmo, como estava combinado, com partida de Paris a 16 de Julho. E nem sequer acharam que seria prudente que o primeiro-ministro ficasse em França.

Da parte da Alemanha, o comportamento estival dos seus responsáveis máximos não significava menosprezo pelas consequências do assassinato de Sarajevo. Na ocasião, quiseram convencer-se de que qualquer tipo de acção que a Áustria tomasse contra a Sérvia, mesmo o recurso às armas, ficaria circunscrito aos Balcãs.

Recordando esses dias, Raymond Poincaré haveria de escrever que não sustentava a tese de que, nessa fase inicial, «a Áustria e a Alemanha tivessem um pensamento consciente e intencional de provocar uma guerra geral», sublinhando que não existem documentos que suportem essa hipótese. E, acrescentava:

> Talvez tivessem pensado, ingenuamente, que a Europa se quedaria imóvel assistindo ao aniquilamento da Sérvia, que a Rússia se limitaria a uns protestos diplomáticos e que a Inglaterra e a França adoptariam uma atitude transigente, como o haviam feito quando da anexação da Bósnia-Herzegovina.[7]

Assim, enquanto grande parte dos Europeus partiam para as praias, termas e montanhas, no gozo de umas muito desejadas férias estivais, a história, que nunca mete férias, preparava-se para registar os desenvolvimentos de uma das maiores tragédias de sempre. Em menos de duas semanas (de 23 de Julho, data do ultimato austro-húngaro à Sérvia, a 5 de Agosto, data da declaração de guerra da Grã-Bretanha à Alemanha), todas as principais potências europeias passavam do período de férias de Verão ao estado de guerra. Foi tudo tão repentino que nem os próprios movimentos pacifistas, do antecedente muito activos em França e na Alemanha, lograram desempenhar o papel que deles se esperaria numa crise que tivesse um desenvolvimento mais gradual e prolongado.

Em 29 de Julho, para vincarem bem que a guerra se iniciara, canhoneiras austro-húngaras do Danúbio bombardeiam Belgrado. A ocidente, as primeiras movimentações alemãs contemplam a invasão do indefeso Luxemburgo e da Bélgica. Ao ter conhecimento da invasão da Bélgica, no próprio dia 4 de Agosto, e da determinação do rei Alberto I e do seu governo em resistir ao invasor, o governo de Londres já não tinha como se esquivar às suas responsabilidades, pelo que decretou a mobilização e instruiu o seu embaixador em Berlim no sentido de apresentar ao chanceler alemão uma nota que, em boa verdade, acabava por constituir um verdadeiro ultimato. Nesse documento, declarava-se que a Grã-Bretanha se via

[5] JOLL, James, *Idem*, p. 200.
[6] FAY, Sidney, *The Origins Of The World War*, Vol. II, p. 172.
[7] POINCARÉ, Raymond, *The responsibility for the war*, p. 14.

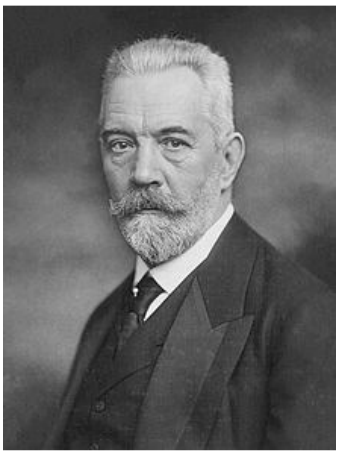
obrigada «a defender a neutralidade da Bélgica e a observação do Tratado, do qual a Alemanha era igualmente signatária»[8]. Depois, deixando espaço para um recuo das tropas invasoras, solicitava uma resposta satisfatória até à meia-noite desse mesmo dia. No caso de essa resposta não ser recebida, o embaixador britânico pediria o seu passaporte – forma diplomática de anunciar uma próxima declaração de guerra.

Apesar da posição britânica ser a única que correspondia ao cumprimento dos seus compromissos, os Alemães colocaram-se no papel de ofendidos e reagiram como se acabassem de ser vilmente atraiçoados. O almirante Tirpitz, certamente lembrado do ultimato que, em 1890, o governo de Londres enviara ao governo português, a propósito da disputa pelos territórios compreendidos entre Angola e Moçambique, afirmou mesmo que os Britânicos não podiam «tratar-nos como se fôssemos Portugal».[9]

Ainda nessa noite de 4 de Agosto, o embaixador britânico em Berlim, Edward Goschen, avistou-se uma última vez com o chanceler alemão Bethmann-Hollweg. Dessa memorável entrevista, Goschen enviou para Grey o seguinte relato:

> Encontrei o chanceler muito agitado. Sua Excelência começou imediatamente uma arenga que durou cerca de 20 minutos. Afirmou que o passo dado pelo governo de Sua Majestade era de certo modo terrível, só por causa da palavra "neutralidade", uma palavra que, em tempo de guerra havia sido tantas vezes desprezada. Por um pedaço de papel, a Inglaterra lança-se numa guerra contra uma nação-irmã, cujo mais caro desejo é manter com ela relações amistosas. Todos os seus esforços nessa direcção foram tornados inúteis, conforme eu sabia, por este último e terrível passo, e a política à qual, como eu sabia, ele se tinha devotado desde que assumira funções, desmoronara-se como um castelo de cartas.

Edward Goschen



Bethmann-Hollweg

> [...] Respondi que, do mesmo modo que ele e o Senhor Von Jagow pretendiam que eu compreendesse que, por razões estratégicas, era uma questão de vida ou de morte para a Alemanha avançar através da Bélgica e violar a sua neutralidade, também eu desejava que compreendesse que era, por assim dizer, uma questão de "vida ou de morte" para a honra da Grã-Bretanha que ela mantivesse o seu solene compromisso de fazer tudo o que pudesse para defender a neutralidade da Bélgica em caso de ataque. Esse compromisso solene tem que ser respeitado, senão, que confiança poderia alguém ter nos compromissos assumidos pela Grã-Bretanha no futuro? O chanceler replicou: mas a que preço esse compromisso vai ser mantido? O governo britânico pensou nisso? Dei a entender a Sua Excelência, tão completamente quanto me foi possível, que o receio de consequências era algo que dificilmente podia ser visto como desculpa para quebrar um compromisso solene. Mas Sua Excelência estava tão excitado, tão evidentemente esmagado pela notícia da nossa acção e tão pouco disponível para ouvir a voz da razão que me abstive de atirar mais combustível para a fogueira através de mais argumentos. Quando estava para me retirar, disse-me que o choque de ver a Grã-Bretanha juntar-se aos inimigos da Alemanha era tanto maior quanto era certo que, até ao último momento, ele

[8] TUCKMAN, Barbara W., *Os canhões de Agosto*, p. 128.
[9] *Ibidem*, p. 129.

> e o seu governo tinham trabalhado connosco e apoiado os nossos esforços para manter a paz entre a Áustria e a Rússia. Admiti que assim sucedera e acrescentei que isso era parte da tragédia que viu as duas nações afastarem-se uma da outra justamente no momento em que as relações entre elas tinham vindo a ser mais amistosas e cordiais do que haviam sido durante muitos anos.[10]

Não tendo havido, dentro do prazo estipulado, qualquer resposta de Berlim, a Grã-Bretanha considerou-se em guerra com a Alemanha a partir da meia-noite de 4 de Agosto (23 horas em Londres). Mesmo assim, a decisão de enviar o Corpo Expedicionário Britânico para França só seria tomada a 6 de Agosto. As forças terrestres britânicas iam para a guerra sem que tivesse havido qualquer preparação séria para o efeito.

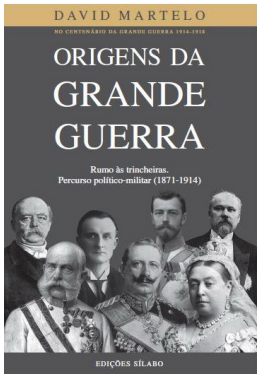
Ao iniciarem-se as operações militares, já poucos se lembravam de umas notícias sobre a Sérvia que, nos finais de Junho, haviam feito as manchetes dos jornais. Tudo ocorrera tão depressa, e de uma forma tão pouco visível pelo cidadão comum, que a própria percepção do perigo como que se embotou. Só assim se entende o teor do registo oficial britânico da batalha de Mons, travada a 23 de Agosto de 1914, quando a invasão da Bélgica já se iniciara havia 19 dias:

> O dia 23, um domingo, amanheceu com nevoeiro e chuva, mas pelas 10 horas fez-se um dia bonito. Tocavam os sinos e viam-se ir para a missa, com os seus fatos domingueiros, os habitantes das aldeias junto do canal, como se a guerra fosse uma coisa distante. Os comboios passavam para Mons, apinhados de pessoas que ali iam passar o dia feriado, como de costume.[11]

Para aquelas gentes, o Verão de 1914 era, ainda, o que até aí parecera – auspicioso.

David Martelo – Novembro de 2016

Leitura complementar



[10] FAY, Sidney, *Idem*, Vol. II, pp. 545-546.
[11] EDMONDS, James, *History of the Great War Military Operations*, p. 76.